

A CONFISSÃO

JOHN GRISHAM

A CONFISSÃO

Tradução de
CATARINA ANDRADE



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

PARTE UM

O CRIME

CAPÍTULO 1

O sacristão da Igreja de St. Mark acabara de limpar oito centímetros de neve dos passeios quando o homem da bengala apareceu. O sol brilhava, mas o vento uivava; o ponteiro do termómetro ficara preso na temperatura mais baixa. O homem vestia apenas umas jardineiras de tecido fino, uma camisa de verão, botas de montanhismo muito usadas e um corta-vento leve que não tinha qualquer hipótese contra o frio que se fazia sentir. Apesar disso, não parecia estar incomodado nem com pressa. Coxeava ao andar, ligeiramente inclinado para a esquerda, auxiliado por uma bengala. Arrastava os pés pelo passeio junto à capela, parando numa porta lateral com a palavra «Escritório» pintada a vermelho-escuro. Não bateu à porta e esta não se encontrava trancada. Entrou no momento em que outra rajada de vento lhe fustigava as costas.

A sala consistia numa receção com um ar desarrumado e poeirento, o que seria de esperar numa velha igreja. Ao centro encontrava-se uma secretária com uma placa que anunciava a presença de Charlotte Junger, que se sentava não muito longe dela. Ela disse com um sorriso:

— Bom dia.

— Bom dia — retorquiu o homem. Uma pausa. — Está muito frio lá fora.

— Sem dúvida que está — respondeu ela, enquanto lhe tirava rapidamente as medidas. O problema óbvio era que ele não tinha casa-co nem nada a proteger-lhe as mãos ou a cabeça.

— Suponho que seja a senhora Junger — disse ele, olhando fixamente para o nome na placa.

— Não, a senhora Junger não está cá hoje. Gripe. Sou Dana Schroeder, a mulher do reverendo, estou apenas a substituí-la. O que podemos fazer por si?

Só havia uma cadeira vazia e o homem olhou esperançosamente para ela.

— Posso?

— Claro que sim — anuiu ela. Sentou-se com cuidado, como se todos os seus movimentos precisassem de ser premeditados.

— O reverendo está? — perguntou ele olhando para a grande porta fechada à sua esquerda.

— Sim, mas de momento encontra-se numa reunião. Em que posso ajudá-lo?

A senhora Schroeder era uma mulher delicada, com um peito atraente, de camisola justa. Ele não conseguia vê-la da cintura para baixo, com a secretária à frente. Sempre preferira as mais pequenas. Rosto atraente, olhos grandes e azuis, maçãs do rosto salientes, uma rapariga saudável e bonita, a típica esposa perfeita de um ministro luterano.

Já passara tanto tempo desde a última vez que tocara numa mulher.

— Preciso de ver o reverendo Schroeder — disse, ao mesmo tempo que entrelaçava as mãos devotamente. — Estive na igreja ontem, ouvi o seu sermão e, bem, preciso de orientação.

— O reverendo está muito ocupado hoje — retorquiu ela com um sorriso. Que dentes bonitos.

— É uma situação bastante urgente — apelou ele.

Dana era casada com Keith Schroeder há tempo suficiente para saber que nunca ninguém fora mandado embora daquele escritório, com ou sem marcação. Além disso, era uma manhã gelada de segunda-feira e Keith não estava assim tão ocupado. Alguns telefonemas, uma reunião com um jovem casal em processo de virar costas ao casamento, seguindo-se as habituais visitas ao hospital. A senhora Schroeder remexeu na secretária, encontrou o simples questionário que procurava e disse:

— Está bem, vamos só recolher algumas informações básicas e depois vemos o que podemos fazer. — Ela já tinha a caneta pronta.

— Obrigado — disse ele, fazendo uma ligeira vénia.

— Nome?

— Travis Boyette. — De forma instintiva, ele soletrou-lhe o apelido. — Data de nascimento, 10 de outubro de 1963. Local de nascimento, Joplin, Missouri. Idade, quarenta e quatro. Solteiro, divorciado, sem filhos. Sem morada. Sem local de emprego. Sem perspectivas de futuro.

Dana absorvia toda a informação, enquanto a sua caneta procurava freneticamente os espaços em branco apropriados para preencher. A resposta dele criara bem mais perguntas do que o seu pequeno formulário podia acomodar.

— OK! Quanto à morada — disse sem parar de escrever —, onde tem estado a viver?

— Nestes últimos tempos sou propriedade do Departamento Correccional do Kansas. Fui colocado num centro de reabilitação na Seventeenth Street, a alguns quarteirões daqui. Estou em vias de ser libertado, «reinserção», como gostam de lhe chamar. Mais uns meses neste centro aqui, em Topeka, e serei um homem livre, sem nada à minha espera, para além de uma vida inteira de liberdade condicional.

A caneta parou, mas Dana continuou a olhar fixamente para ela. O seu interesse no questionário desvaneceu-se de repente. Hesitava em perguntar mais alguma coisa. Contudo, visto que começara, sentia-se obrigada a continuar. O que mais podiam fazer enquanto esperavam pelo reverendo?

— Quer um café? — perguntou, com a certeza de que a pergunta era inofensiva.

Fez-se uma pausa, demasiado longa, como se ele não conseguisse decidir.

— Sim, obrigado. Café puro com um pouco de açúcar.

Dana apressou-se a sair da sala para ir buscar café. Ele olhou com atenção para Dana, observou tudo nela, reparou no atraente rabo redondo por baixo das calças largas, nas pernas elegantes, nos ombros atléticos, até no rabo de cavalo. Um metro e sessenta, talvez sessenta e cinco, cinquenta quilos no máximo.

Ela demorou algum tempo e, quando regressou, Travis Boyette encontrava-se exatamente onde o deixara, ainda sentado como um monge, as pontas dos dedos da sua mão direita a baterem com suavidade nos da mão esquerda, a bengala de madeira preta ao colo,

o olhar perdido, fixo no nada na parede ao fundo da sala. Tinha a cabeça inteiramente rapada, pequena, perfeitamente redonda e reluzente e, enquanto lhe entregava a chávena de café, Dana não conseguia pensar noutra coisa senão na dúvida fútil que a intrigava, se ele se tornara calvo muito novo ou se preferia simplesmente o *look* rapado. Uma tatuagem sinistra rastejava-lhe pelo lado esquerdo do pescoço acima.

Ele pegou no café e agradeceu-lhe. Voltou para o seu lugar atrás da secretária que os separava.

— É luterano? — perguntou ela, pegando outra vez na caneta.

— Duvido. Não sou nada. Nunca senti necessidade de ir à igreja.

— Mas esteve cá ontem. Porquê?

Boyette segurou a chávena junto ao queixo com as duas mãos, como um rato a morder um pedacinho de comida. Se uma simples pergunta sobre o café demorara uns bons dez segundos a responder, então uma sobre as idas à igreja levaria uma hora. Ele sorveu um pouco de café e passou a língua sobre os lábios.

— Quanto tempo acha que demora até poder falar com o reverendo? — perguntou, por fim.

Espero que em breve, pensou Dana, ansiosa por passar esta questão para as mãos do marido. Olhou de relance para o relógio na parede e respondeu:

— A qualquer minuto.

— Podemos ficar aqui sentados em silêncio enquanto esperamos? — perguntou ele, de forma extremamente educada.

Dana encaixou a sua brusquidão e decidiu de imediato que o silêncio não era assim tão má ideia. Foi nessa altura que a sua curiosidade voltou.

— Claro, só tenho mais uma pergunta.

Ela olhava para o questionário como se precisasse da resposta a mais uma questão.

— Esteve preso durante quanto tempo? — inquiriu ela.

— Metade da minha vida — respondeu Boyette sem qualquer hesitação, como se respondesse àquela pergunta cinco vezes por dia.

Dana escreveu qualquer coisa e foi então que o teclado do computador lhe chamou a atenção. Teclou com tamanha urgência

que parecia que, de repente, tinha um prazo apertado a cumprir. O *e-mail* que enviou a Keith dizia: «Está aqui um criminoso condenado que quer falar contigo. Não sai daqui se não o fizer. Parece bastante simpático. Está a tomar café. Despacha o que estás a fazer.»

Passados cinco minutos, a porta da sala do pastor abriu-se e saiu de lá apressada uma mulher jovem. Enxugava os olhos. Atrás dela, saiu o ex-noivo, que conseguiu fazer má cara e sorrir ao mesmo tempo. Nenhum dos dois dirigiu a palavra a Dana. Nem repararam em Travis Boyette. Desapareceram.

Quando a porta se fechou com um estrondo, Dana disse a Boyette: — É só um minuto.

Entrou apressadamente no escritório do marido para lhe dar uma palavrinha.

O reverendo Keith Schroeder era um homem de 35 anos, casado e feliz com Dana há dez, pai de três rapazes, todos nascidos num espaço de vinte meses. Há já dois anos que era o pastor efetivo de St. Mark e, antes disso, de uma igreja na cidade de Kansas. O seu pai era um ministro luterano aposentado e Keith nunca sonhara ser outra coisa. Fora criado numa pequena cidade perto de St. Louis, educado em escolas não muito longe daí e, com exceção de uma visita de estudo a Nova Iorque e da sua lua de mel na Florida, nunca saíra do Midwest. De uma forma geral, era respeitado pela sua congregação, embora já tivessem ocorrido alguns problemas. O maior desentendimento acontecera quando dera guarida a vários sem-abrigo na cave da igreja durante um nevão no inverno anterior. Depois de a neve derreter, alguns deles não quiseram ir embora. A cidade interpôs uma intimação judicial por utilização não autorizada daquele espaço e apareceu nos jornais uma história ligeiramente embaraçosa.

O tópico do seu sermão no dia anterior fora o perdão — o poder infinito e indiscutível de Deus de perdoar os nossos pecados, independentemente de quão hediondos eles possam ser. Os pecados de Travis Boyette eram atozes, inacreditáveis, horríveis. Os seus crimes contra a humanidade condená-lo-iam certamente ao sofrimento eterno e à morte. Neste momento da sua vida miserável, Travis estava

convencido de que nunca poderia ser perdoado. Contudo, sentia-se curioso.

— Já nos apareceram cá vários homens vindos do centro de reabilitação — dizia Keith —, até já lá fui celebrar alguns serviços religiosos.

Encontravam-se a um canto do escritório de Keith, longe da secretária, dois novos amigos a conversar sentados em cadeiras de lona deformadas. Ali perto, imitações de troncos de madeira ardiam numa lareira falsa.

— Não é um sítio mau — disse Boyette —, é bem melhor que a prisão.

Boyette era um homem frágil, com a pele pálida típica de um homem confinado a espaços pouco iluminados. Os seus joelhos ossudos tocavam um no outro e a bengala preta repousava sobre eles.

— E em que prisão estava?

Keith segurava uma caneca de chá a ferver.

— Aqui e ali. Os últimos seis anos foram passados em Lansing.

— E foi condenado por que crime? — perguntou ele, ansioso por saber o que o homem fizera, a fim de o conhecer melhor. Violência? Drogas? Provavelmente. Por outro lado, talvez Travis fizesse desfalques ou fugisse aos impostos. Não tinha ar de ser capaz de magoar outra pessoa.

— Muitas coisas más, reverendo. Não me lembro de tudo.

Boyette preferia evitar olhar nos olhos de Keith. Concentrava antes a sua atenção no tapete debaixo dos seus pés. Keith sorvia o seu chá, observando o homem cuidadosamente, até que reparou no seu tique. A cada poucos segundos, a sua cabeça inclinava-se ligeiramente para a esquerda. Era uma inclinação rápida, seguida de um movimento corretivo mais óbvio para a posição inicial.

Depois de um período de silêncio, Keith disse:

— De que gostaria de falar, Travis?

— Tenho um tumor no cérebro, reverendo. Maligno, fatal, basicamente incurável. Se tivesse algum dinheiro, podia lutar contra ele com radioterapia, quimioterapia, os tratamentos do costume, o que me poderia dar uns dez meses de vida, talvez um ano. Mas é um glioblastoma, estágio quatro, e isso significa que sou um homem morto. Meio ano, um ano inteiro, não interessa muito. Vou morrer daqui a uns meses.

Como se estivesse à espera da sua deixa, o tumor entrou em cena. Boyette fez um esgar, inclinou-se para a frente e começou a massajar as têmporas. A sua respiração tornou-se pesada, difícil, e parecia que todo o seu corpo doía.

— Lamento muito — disse Keith, apercebendo-se do quanto parecia superficial.

— Malditas dores de cabeça! — exclamou Boyette, com os olhos ainda fortemente cerrados. Lutou contra a dor durante alguns minutos, não sendo trocadas quaisquer palavras. Keith observou-o, impotente, mordendo a língua para não dizer algo estúpido como: «Posso ir buscar-lhe *Tylenol*?» Seguidamente, o sofrimento acalmou e Boyette relaxou.

— Desculpe — disse ele.

— Quando é que isso lhe foi diagnosticado? — perguntou Keith.

— Não sei. Há um mês. As dores de cabeça começaram em Lansing, no verão. Pode imaginar a qualidade dos cuidados de saúde por lá, por isso não recebi qualquer ajuda. Assim que me libertaram e me mandaram para aqui, levaram-me ao Hospital de St. Francis, fizeram testes, exames, encontraram um ovinho no meio da minha cabeça, mesmo entre as orelhas, demasiado fundo para poderem operar.

Inspirou profundamente, expirou e conseguiu sorrir pela primeira vez. Faltava-lhe um dente em cima do lado esquerdo e a falha notava-se bastante. Keith suspeitava que os cuidados dentários na prisão deixavam muito a desejar.

— Presumo que já tenha visto pessoas como eu — disse Boyette. — Pessoas à beira da morte.

— Algumas vezes. Faz parte do trabalho.

— E presumo que essas pessoas se tornem muito mais sérias em relação a Deus, ao Céu e ao Inferno, e tudo isso.

— Com certeza. Faz parte da natureza humana. Quando somos confrontados com a nossa própria mortalidade, pensamos na vida depois da morte. E você, Travis? Acredita em Deus?

— Alguns dias sim, outros não. Mas, mesmo quando acredito, ainda me sinto bastante cético. É fácil para si acreditar em Deus, porque teve uma vida fácil. A minha história é diferente.

— Quer contar-me a sua história?

— Nem por isso.

— Então, porque está aqui, Travis?

O tique. Quando a sua cabeça se endireitou novamente, os seus olhos percorreram a sala, pousando-se, em seguida, nos do reverendo. Olharam fixamente um para o outro durante muito tempo, nenhum dos dois pestanejou. Por fim, Boyette disse:

— Reverendo, fiz algumas coisas más. Magoei pessoas inocentes. Não tenho a certeza se quero levar tudo isso para o túmulo.

Agora estamos a fazer progressos, pensou Keith. O fardo de um pecado não confessado. A vergonha da culpa reprimida.

— Ajudaria se me falasse um pouco sobre essas coisas más. A confissão é o melhor começo.

— E é confidencial?

— A maioria, sim, mas há exceções.

— Quais exceções?

— Se me fizer confidências e eu achar que o Travis é um perigo para si mesmo ou para outros, a confidencialidade pode ser quebrada. Posso tomar as ações necessárias para o proteger a si ou a outra pessoa. Por outras palavras, posso ter de envolver outras pessoas para ajudar.

— Parece complicado.

— Nem por isso.

— Ouça, reverendo, fiz coisas horríveis, mas há uma que me atormenta há muitos anos. Tenho de falar com alguém e não tenho a quem recorrer. Se eu lhe contasse algo sobre um crime terrível que cometi há muitos anos, não contaria a ninguém?

Dana foi diretamente ao *site* da Internet do Departamento Correccional do Kansas e, passados poucos segundos, mergulhou na história miserável de Travis Dale Boyette. Condenado em 2001 a dez anos de prisão por tentativa de agressão sexual. Estado atual: encarcerado.

— Estado atual é no escritório com o meu marido — murmurou ela, enquanto continuava a teclar.

Condenado em 1991 a doze anos por agressão sexual agravada no Oklahoma. Liberdade condicional em 1998.

Condenado em 1987 a oito anos por tentativa de agressão sexual no Missouri. Liberdade condicional em 1990.

Condenado em 1979 a vinte anos por agressão sexual agravada no Arkansas. Liberdade condicional em 1985.

Boyette era um agressor sexual registado no Kansas, Missouri, Arkansas e Oklahoma.

«Um monstro», disse para si mesma. A sua foto de identificação policial era a de um homem muito mais pesado e muito mais novo com cabelo escuro a rarear. Resumiu rapidamente o cadastro de Boyette e enviou-o por *e-mail* a Keith. Não estava preocupada com a segurança do marido, mas queria aquele miserável fora dali.

Passada meia hora de conversa tensa e com poucos progressos, Keith começava a ficar cansado da reunião. Boyette não mostrava qualquer interesse em Deus e, visto que Deus era precisamente a área de especialização de Keith, não havia muito que pudesse fazer por ele. Não era neurocirurgião. Não tinha emprego para lhe oferecer.

Apareceu uma mensagem no computador de Keith, a sua chegada anunciada pelo som de uma campainha antiga. Dois toques significava que alguém chegara ao escritório. Mas três toques indicava uma mensagem vinda da receção. Ele fingiu ignorá-la.

— Porque anda com a bengala? — perguntou afavelmente.

— A prisão é um lugar duro — disse Boyette. — Meti-me em mais do que uma luta. Uma lesão na cabeça. Provavelmente, a causa do tumor.

Boyette achou engraçado e riu da sua própria desgraça.

Keith sentiu-se obrigado a fazer o mesmo, em seguida levantou-se, dirigiu-se para a sua secretária e disse:

— Bem, deixe-me dar-lhe um dos meus cartões. Ligue-me quando quiser. É sempre bem-vindo aqui, Travis.

Pegou num cartão e olhou de relance para o ecrã do computador. Quatro, sim, quatro condenações, todas relacionadas com agressão sexual. Voltou para a cadeira, entregou o cartão a Travis e sentou-se.

— A prisão é particularmente dura para os violadores, não é, Travis? — disse Keith.

Muda-se para outra cidade; é-se obrigado a ir à esquadra da polícia ou ao tribunal e registar-se como agressor sexual. Após vinte anos disto, já se presume que toda a gente saiba. Que toda a gente esteja a vigiar. Boyette não parecia nada surpreendido.

— Já nem me lembro das vezes que fui atacado.

— Travis, não me sinto muito à vontade para falar sobre este assunto. Tenho marcações. Se me quiser visitar novamente, não há problema, mas ligue antes a marcar. E é mais do que bem-vindo se se quiser juntar a nós no serviço religioso deste domingo.

Keith não estava certo se sentia mesmo o que acabara de dizer, mas pelo menos parecia sincero.

Boyette retirou um pedaço de papel dobrado do bolso do seu corta-vento.

— Alguma vez ouviu falar do caso de Donté Drumm? — perguntou, ao mesmo tempo que entregava o papel a Keith.

— Não.

— Rapaz preto, pequena cidade no East Texas, condenado por homicídio em 1999. Disseram que ele assassinou uma *cheerleader* da escola secundária, uma rapariga branca, o corpo nunca foi encontrado.

Keith desdobrou a folha de papel. Era uma cópia de um pequeno artigo do jornal de Topeka com a data de domingo, o dia anterior. Keith leu rapidamente e olhou para a fotografia de identificação policial de Donté Drumm. Não havia nada de extraordinário na história, apenas outra execução de rotina no Texas de mais um condenado que reclamava a sua inocência.

— Esta execução está marcada para a próxima quinta-feira — disse Keith, tirando os olhos do papel.

— Digo-lhe uma coisa, reverendo. Apanharam o homem errado. Aquele miúdo não teve nada que ver com o homicídio da rapariga.

— E como é que sabe?

— Não há provas. Nem um indício sequer. A polícia decidiu que ele era culpado, espancou-o até confessar e agora vão matá-lo. Está errado, reverendo. Tão errado.

— Como é que sabe tanto?

Boyette inclinou-se para a frente, como se fosse sussurrar algo que nunca se atrevera a dizer em voz alta. A pulsação de Keith acelerava a cada segundo que passava. Apesar disso, não se ouviu uma

única palavra. Fez-se outra longa pausa enquanto ambos se olhavam fixamente.

— O artigo diz que o corpo nunca foi encontrado — disse Keith. Tem de o fazer falar.

— Certo. Eles inventaram esta história maluca de que o rapaz raptou a rapariga, violou-a, asfixiou-a e depois atirou o corpo da ponte para o rio Red. É tudo pura invenção.

— Então, sabe onde está o corpo?

Boyette endireitou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. Começou a acenar com a cabeça. O tique. Depois outro tique. Acontecia menos espaçadamente quando Travis se encontrava sobre pressão.

— Foi o Travis que a matou? — perguntou Keith, aturdido com a sua própria pergunta. Nem há cinco minutos estava ocupado a fazer uma lista mental de todos os membros da sua paróquia que tinha de ir visitar ao hospital. Pensava numa maneira de tirar Travis do edifício sem grande alarido. E agora falavam de um homicídio e de um corpo escondido.

— Não sei o que fazer — disse Boyette, ao mesmo tempo que outra onda de dor o atingia. Inclinou-se para a frente como se fosse vomitar e começou a pressionar as palmas das mãos contra a cabeça. — Estou a morrer, percebe? Estarei morto daqui a uns meses. Porque há de aquele miúdo morrer também? Ele não fez nada.

Os seus olhos estavam húmidos, o seu rosto contorcido.

Keith observava-o enquanto ele tremia. Deu-lhe um lenço de papel e viu-o secar as lágrimas.

— O tumor está a aumentar — disse ele. — A cada dia que passa, o tumor pressiona mais o crânio.

— Toma medicação?

— Alguma. Não faz efeito. Tenho de me ir embora.

— Acho que não acabámos a nossa conversa.

— Acabámos, sim.

— Onde está o corpo, Travis?

— O reverendo não quer saber.

— Quero, sim. Talvez seja possível parar a execução.

Boyette riu-se.

— Ai, é? É praticamente impossível no Texas.

Levantou-se lentamente e bateu com a bengala no tapete.

— Obrigado, reverendo.

Keith não se levantou. Ficou a observar Boyette enquanto este saía do escritório à pressa.

Dana olhava fixamente para a porta, recusando um sorriso. Conseguiu murmurar um débil «Adeus» depois de ele dizer «Obrigado». Travis desapareceu, de volta à rua sem casaco ou luvas, e ela não estava nada preocupada com ele.

O seu marido não se mexera. Ainda se encontrava recostado na cadeira, atordoado, a olhar fixamente para a parede e a segurar a cópia do artigo de jornal.

— Estás bem? — perguntou ela.

Keith entregou-lhe o papel e ela leu-o.

— Não estou a perceber a ligação — disse quando acabou de ler.

— Travis Boyette sabe onde o corpo está enterrado. Sabe porque foi ele que a matou.

— Ele admitiu tê-la morto?

— Quase. Contou-me que tem um tumor inoperável no cérebro e que morrerá daqui a poucos meses. Disse que Donté Drumm não teve nada que ver com o homicídio. Deu a entender que sabe onde o corpo está.

Dana deixou-se cair no sofá e afundou-se entre as almofadas e mantas.

— E acreditas nele?

— Ele é um criminoso recidivante, Dana, um condenado. De certeza que prefere mentir a dizer a verdade. Não se pode acreditar numa única palavra do que ele diz.

— Tu acreditas?

— Acho que sim.

— Como podes acreditar nele? Porquê?

— Travis está a sofrer, Dana. E não é só por causa do tumor. Ele sabe algo sobre o homicídio e sobre o corpo. Sabe muito e está perturbado por um homem inocente estar prestes a ser executado.

Tendo passado a maior parte da vida a ouvir os problemas delicados dos outros e a oferecer conselhos e orientação, Keith tornara-se um observador sensato e perspicaz. Raramente se enganava. Dana era muito mais impulsiva, mais propensa a criticar e a julgar, e a cometer erros por isso.

— O que pensas fazer, reverendo? — perguntou ela.

— Vamos passar a próxima hora a pesquisar. Vamos verificar uns quantos factos: ele está mesmo em liberdade condicional? Se sim, quem é responsável por ele? É seguido no Hospital de St. Francis? Tem um tumor cerebral? Se sim, em estado terminal?

— É impossível obter os registos clínicos dele sem o seu consentimento.

— Claro, mas vamos ver o que conseguimos descobrir. Telefona ao doutor Herzlich. Ele esteve na igreja ontem?

— Sim.

— Bem me parecia. Liga-lhe e tenta descobrir qualquer coisa. Ele deve estar a fazer a ronda a esta hora no Hospital de St. Francis. Contacta também o departamento responsável pelos casos de liberdade condicional e vê o que consegues descobrir.

— E o que vais fazer enquanto eu estiver embrenhada em telefonemas?

— Vou pesquisar na Internet, ver o que consigo descobrir sobre o homicídio, o julgamento, o arguido, tudo o que se passou por lá.

Ambos se levantaram, apressados. Dana disse:

— E se for tudo verdade, Keith? Se nos convencermos de que este miserável está a dizer a verdade?

— Então, teremos de fazer alguma coisa.

— Como, por exemplo?

— Não faço a menor ideia.